

A pesquisa no ensino de Língua Inglesa para crianças

p. 76 - 82

Isabela Tornopolski Queiroz¹

Raquel Cristina Mendes de Carvalho²

Resumo

A presente pesquisa bibliográfica buscou discutir aspectos relacionados ao ensino de língua estrangeira para crianças (LEC) ainda não alfabetizadas na língua materna. Para limitar o estudo, foram analisados alguns dos trabalhos produzidos no Brasil, nos últimos 5 anos. Pesquisadores como Pires (2004), Carvalho (2005), Rocha (2006, 2007, 2008), Carvalho (2007), Tombosi (2007), Tonelli (2008), Souza et al (2008) destacam em seus estudos questões sobre as vantagens e as desvantagens do ensino de LEC, a diferença entre ensinar LE para crianças e adolescente ou adultos, materiais didáticos voltados para o ensino de LEC, as características do professor de inglês-LE da Educação Infantil e a formação pedagógica do professor que atua com ensino de LE para crianças.

Palavras-Chaves: pesquisa; ensino; língua estrangeira; crianças

Resumo

This literature review aims to discuss issues related to foreign language education for children (LEC) is still not literate in their mother tongue. To limit the study had some of the work produced in Brazil in the last 5 years. Researchers such as Pires (2004), Carvalho (2005), Rocha (2006, 2007, 2008), Carvalho (2007), Tombosi (2007), Tonelli (2008), Souza et al (2008) highlight issues in their studies on the benefits and disadvantages of teaching LEC, the difference between teaching LE for adults or children and adolescents, teaching materials aimed at teaching the LEC, the characteristics of the LE-English teacher of early childhood education and teacher training that works with the teacher education LE for children

Keywords: “Research”; “education”; “foreign language”; “children”

Introdução

A mídia divulga que o mercado de trabalho vem exigindo mais e mais qualificação dos candidatos a vagas, aumentando a competição entre esses candidatos. Como consequência dessas exigências do mercado, os pais estão se preocupando com o futuro profissional de seus

filhos quando ainda crianças, muitas vezes ainda nem alfabetizadas. Sendo assim, o número de pais que matriculam seus filhos, ainda crianças, em escolas que oferecem ensino de uma língua estrangeira (LE) vem aumentando constantemente. Segundo Rocha (2007, p.73) “a pressão por um início da aprendizagem de LE ainda na infância tem sua origem na pressuposição de que a criança

1 Graduada da Unicentro e bolsista do grupo PET-Letras. E-mail: isamenininha@gmail.com

2 Mestre em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina Professora assistente da Unicentro. E-mail: racricarvalho@gmail.com

tem condições de aprendê-la mais facilmente”.

O ensino de língua estrangeira para crianças (LEC) é uma realidade no Brasil. Podemos afirmar que o número de escolas e centros de idiomas que oferecem aulas de LEC está em constante expansão, principalmente nas escolas particulares. A cada ano observa-se uma crescente oferta de curso de inglês para crianças, tanto em escolas de Educação Infantil, quanto em centros de idiomas. Esta oferta tem despertado o interesse de pesquisadores, haja vista os trabalhos de Pires (2004), Carvalho (2005), Rocha (2006, 2007, 2008), Carvalho (2007), Tombosi (2007), Tonelli (2008), Souza et al (2008), entre outros. Sendo assim, é notória a expansão de estudos na área de ensino/aprendizagem de LEC desenvolvidos no Brasil nos últimos anos.

Partindo do pressuposto de que se faz necessário um conhecimento especializado para se ensinar LE para criança, diferentemente do ensino para adolescentes e adultos, buscamos nesse artigo, entender e discutir as recentes pesquisas na área de LEC. Desta forma, visamos contribuir para a formação do profissional que atua com ensino de LEC, uma vez que o mercado de trabalho pedagógico vem exigindo melhor qualificação do professor também.

Este artigo é dividido em três sessões. Primeiramente apresentamos uma breve introdução contextualizando o trabalho que desenvolvemos. Em seguida, discutimos os

trabalhos realizados por pesquisadores da área de LEC, objeto principal de nosso estudo. Para encerrar, tecemos nossas considerações sobre as pesquisas em LEC no Brasil.

Perspectiva teórica

Nos últimos anos, observa-se um crescente interesse em estudos na área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira para crianças

(doravante LEC) desenvolvidos no Brasil. Esse interesse pode ser constatado a partir dos estudos de Pires (2004), Carvalho (2005), Rocha (2006, 2007, 2008), Carvalho (2007), Tombosi (2007), Tonelli (2008), Souza et al (2008), entre outros.

Rocha (2006) tenta entender qual é a melhor idade para ensinar uma nova língua para crianças ainda não alfabetizadas. Segundo a autora, o ensino da língua estrangeira (LE) está relacionado com a pedagogia do professor. No que concerne o conhecimento que o professor precisa ter para ensinar uma língua estrangeira para crianças, Pires (2004) e Souza et al (2008) afirmam que uma das conseqüências da má qualificação dos professores é causar na criança um desinteresse pelo aprendizado do inglês-LE, podendo prejudicar mais tarde seu desenvolvimento, tornando-os alunos frustrados e desmotivados, além de apresentar erros graves adquiridos no ensino básico.

Neste contexto de ensino de inglês-LE, Pires (2004) investiga as vantagens e desvantagens de ensinar uma língua estrangeira na Educação Infantil no Brasil. Em seu trabalho a autora percebeu que a preocupação dos pais com o futuro profissional de seus filhos cresce cada vez mais, e para que eles possam competir no mercado de trabalho, o inglês é fundamental. Para isso, os pais procuram uma escola que disponibilize o inglês na sua grade curricular, e isso ocorre principalmente nas escolas particulares. Segundo a autora, essas escolas estão terceirizando seus serviços, contratando empresas para ministrar as aulas de inglês, sem se preocupar com a qualidade de ensino. De acordo com Pires (2004), esses professores saem das universidades, com formação para ensinar adolescentes e adultos, e muitas vezes não têm a pedagogia específica da Educação Infantil. Ademais, conforme Pires (2004) e Carvalho (2005) o professor, além de ter domínio da língua precisa ter qualificação pedagógica para prender a atenção da criança,

facilitando assim o seu aprendizado.

Carvalho (2005) analisa o discurso de uma professora de língua inglesa para crianças com idade de 2 e 3 anos, tentando entender como o professor utiliza a linguagem dentro da sala de aula de LE como facilitador da interação com a criança. Em sua pesquisa, a autora interpreta as interações entre a professora e os alunos durante as aulas de inglês-LE. Carvalho (2005) afirma que as crianças dispõem de um período muito curto de atenção, e com isso os professores precisam trabalhar com atividades que despertem e mantenham a atenção da criança pelo tempo que achar necessário. Tais atividades não podem ter um nível de dificuldade além da capacidade de compreensão das crianças e nem ser muito longas (CARVALHO, 2005), pois se assim não for, elas perdem o interesse pela aula.

De acordo com Snow et al (apud CARVALHO, 2005) além da adequação das atividades e do material didático, da preparação das aulas, e do currículo especializado do professor, é de igual importância a interação do professor com o aluno nas aulas de inglês-LE, principalmente em se falando de alunos da Educação Infantil. A aprendizagem acontece a partir da interação entre professor e aluno (CARVALHO, 2005). De acordo com Hall e Walsh (apud CARVALHO, 2005, p.17) “eles [professores e alunos] também criam um entendimento mútuo de seus papéis e relacionamentos, e as normas e expectativas da sua participação, como membros, em suas salas de aula.” (nossa tradução)³ Assim, pode-se considerar que há diferentes maneiras de interagir com as crianças em uma sala de aula, em outras palavras, a forma como o professor usa a LE a fim de atuar como um facilitador das interações na sala de aula de LE. Painter (apud CARVALHO,

2005, p.81) dá uma atenção maior à interação social, e aos aspectos da linguagem, reforçando a importância de “reconhecer que a linguagem funciona não apenas para representar o mundo, mas para viver nele” (nossa tradução)⁴. Uma vez que utilizamos a fala diariamente e, consciente ou inconscientemente no nosso dia-a-dia, precisamos dela para facilitar nossa comunicação.

Pires (2004) ainda aponta como dificuldade no ensino de língua estrangeira para crianças, a falta de materiais didáticos de inglês específico para a faixa etária de crianças ainda não alfabetizadas. Para tentar minimizar a falta desses materiais didáticos, Carvalho (2007) enfatiza a importância de utilizar métodos dinâmicos para atrair a atenção das crianças. Conforme a autora, os professores podem utilizar músicas, figuras, objetos, desenhos, o que possa ser atrativo, a fim de facilitar à criança a relação entre o que a professora quer significar e a língua estrangeira. Desta forma o professor poderá facilitar, não só a associação, mas também, a memorização.

Segundo Rocha (2007), acredita-se que a criança tenha mais facilidade do que um adolescente ou adulto para aprender uma língua estrangeira. Vem daí a tendência dos pais procurarem por escolas que ofereçam o ensino de LE nos primeiros anos do currículo escolar (ROCHA, 2007). Entretanto de acordo com Roth (apud CARVALHO, 2005) uma das principais características da criança aprendiz é que ela aprende rápido, mas esquece o que aprendeu com a mesma rapidez. Por outro lado, apesar da criança ter um período de atenção e retenção curto, algo que lhes favorece a aprendizagem é, de acordo com Rocha (2007, citando MOON, 2000, BROWN, 2001, CAMERON, 2001) os pequenos

3 “they [teachers and students] also create mutual understandings of their roles and relationships, and the norms and expectations of their involvement as members in their classrooms.” (HALL and WALSH, 2 apud CARVALHO, 2005, p.17)

4 “recognizing that language functions not only to represent the world but to act in it.” (Painter, apud CARVALHO, 2005, p.81)

aprendizes são curiosos, e isso pode levar ao aprendizado com sucesso.

Para facilitar a aprendizagem, pesquisadores como Celce-Murcia (1991) Enright (1986), Genesee (1987) entre outros (apud CARVALHO, 2005) acreditam que os professores precisam diversificar as atividades durante suas aulas, utilizando diferentes recursos para que as crianças mantenham a atenção com mais facilidade naquilo que é trabalhado dentro da sala de aula. Dentre os recursos sugeridos, podem-se citar os não verbais, como gestos, mímicas, expressões faciais, desenhos, figuras, revistas e jornais. De acordo com Carvalho (2005) esses recursos visuais podem manter o período de atenção da criança por um tempo mais longo.

Além do uso de recursos não verbais, o professor pode também fazer uso de exemplos reais do dia-a-dia da criança, associando-os ao conteúdo lingüístico a ser ensinado, tornando assim, uma aula mais criativa. Entretanto, “isso não significa negligenciar a fantasia” (CARVALHO, 2005, p.10, nossa tradução)⁵. Roth (apud CARVALHO, 2005) e Tonelli (2008) acreditam que as crianças gostam de usar a sua imaginação, e para despertar essa imaginação, Tonelli (2008) juntamente com outros autores (ALMEIDA, ROCHA, PRADO, 2001; WRIGHT 1995 e 1997; ELLIS e BREWSTER, 1991 e STOCKDALE apud TONELLI, 2008), destacam a importância da literatura infantil como recurso para o ensino de LE. Conforme Tonelli (2008) as histórias infantis (HIs) podem dar asas à imaginação e às fantasias das crianças, podendo assim ser utilizadas com um novo instrumento no ensino de inglês-LE, pois pode ser mais uma forma da aula ficar interessante e atrativa para os alunos. Entretanto, devemos ressaltar que as HIs devem ser trabalhadas de acordo com o nível de aprendizagem do aluno “já que a aprendizagem

não é uma consequência do desenvolvimento, mas, ao contrário, uma condição para ele” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, apud TONELLI, 2008, p. 193)

Porém, para que as HIs sejam usadas com sucesso dentro da sala de aula o professor precisa conhecer as características principais das histórias para crianças, para que não se torne apenas um momento de contação de histórias ou leitura, mais sim de aprendizagem. O professor pode trabalhar de várias formas com essas histórias, fazendo delas um complemento do conteúdo que está sendo usado no material didático, ou na própria aula. Sandroni e Machado (apud TONELLI, 2008) denominam as atividades relacionadas com a leitura como *jogos de leitura* (itálico da autora), trazendo como objetivo desse jogo, despertar o gosto pela leitura e fazendo com que eles consigam identificar nelas as características das personagens, suas ações, cenários, entre outros.

Para isso, as HIs devem ser bem escolhidas, para que possam ser bem aproveitadas. Schneuwly (apud TONELLI, 2008) aponta características essenciais quanto à escolha dessas HIs, tais como a finalidade, o conteúdo, e os destinatários (para que idade essa história é apropriada). Já Bettelheim (apud TONELLI, 2008) sugere que quando as histórias são muito realistas, ou não atendem às expectativas das crianças, podem prejudicar o conteúdo da aula, sem ter o que extrair delas, perdendo a atenção das crianças.

É na infância que as HIs são mais significativas para as crianças. É nessa fase que elas acreditam em contos de fadas, animais que falam, bonecas que são princesas, e assim por diante. De acordo com Cândido (apud TONELLI, 2008), a literatura infantil pode ser um instrumento usado para a aprendizagem, abrindo as portas para que elas se soltem mais, e encontrem o prazer de entrar

5 “This does not mean neglecting fantasy”. (CARVALHO, 2005, p.10)

na história e viverem junto das personagens novas aventuras.

Segundo Brown (1994), com as crianças não podemos nos prender ao ensino de gramática, às regras e às repetições, pois os pequenos aprendizes não têm maturidade cognitiva para a aprendizagem de normas e conceitos abstratos. O autor sugere utilizar atividades variadas, a professora precisa ter uma postura animada, com entusiasmo, com senso de humor, fazer o papel de um ator dentro da sala de aula, despertando a curiosidade e a atenção das crianças.

Na pesquisa de Tombosi (2007), a autora busca entender como a linguagem da brincadeira pode ser trabalhada dentro da sala de aula, pois de acordo com Cook (apud TOMBOSI, 2007) as atividades de repetições, atividades em grupos, jogos proporcionam uma linguagem própria da brincadeira. A autora sugere alguns exemplos de como fazer uso dessa linguagem na sala de aula, por meio de brincadeiras que envolvam versos com rimas, com ritmos e piadas. Esse tipo de atividade pode tornar a aula divertida, sem descartar o conteúdo lingüístico, trabalhando também com interpretações, representações, imitações. De acordo com Tombosi (2007) o professor deve trabalhar com essa linguagem da brincadeira, de uma forma espontânea, facilita a interação da criança, tornando o aprendizado facilitado.

Além das atividades visuais e auditivas, os professores precisam dispor de atividades físicas, como jogos, brincadeiras, que possam promover interação entre as crianças, atividades sensoriais como o fazer e o sentir (BROWN, 1994).

Carvalho (2005) acredita na importância da interação professor/aluno, e para isso, conquistar a confiança das crianças é um fator importante. Por meio da interação é possível fazer com que a aula de inglês seja algo prazeroso, que as crianças possam rir e se divertir e aprender indiretamente. Para Painter (apud CARVALHO, 2005) a

aprendizagem de uma língua representa algo que a criança adquire ao interagir com outras pessoas. Justificando a importância da interação na aula de língua estrangeira, proporcionando à criança a aprendizagem de uma língua com mais sucesso e de forma natural. Cameron (apud ROCHA, 2007) corroborando Painter (apud CARVALHO, 2005) acredita que o ensino de inglês para crianças deve ser além de tudo, divertido. Segundo aquela autora o sucesso do ensino de LEC depende da qualidade do relacionamento e da interação disposta ao longo do processo letivo.

Dentre os estudos que enfocam a interação professor/aluno/LE, temos o trabalho de Linguevis (2007) que buscou, através de análises de desenhos realizados por crianças, saber o que elas pensam e acreditam ser aprender uma LE. De acordo com a autora, ao se trabalhar com ensino de LE para criança, é importante saber o que elas pensam sobre a aprendizagem de inglês-LE na Educação Infantil. Em seu estudo, a autora constatou que a professora da turma montou um planejamento para todo o ano letivo antes mesmo de conhecer as crianças de sua turma, do que elas mais gostavam e o que lhes chamava mais atenção. Na opinião de Linguevis (2007) o professor deve fazer sua proposta curricular e construir seu caminho, seu projeto de aula juntamente com seus alunos, com as características que eles apresentam. Para Kumaravadivelu (apud LINGUEVIS, 2007, p.148) “o papel do professor e dos alunos deve ter objetivos comuns”.

Souza et al (2008) corrobora Carvalho (2005) no sentido de que a forma que o professor age na sala e apresenta o material de forma criativa pode ajudar na interação professor/aluno, facilitando o ensino/aprendizagem, e as práticas pedagógicas. Segundo as pesquisadoras a professora precisa ser ágil para aproveitar as oportunidades que aparecem ao decorrer da aula. A agilidade do professor em perceber as

possibilidades imprevisíveis pode facilitar, por exemplo, a retomada de um vocabulário que já havia sido ensinado, ou algumas expressões que tem ligação com a realidade que as crianças estão vivenciando.

Conclusão

O presente artigo propôs identificar e discutir algumas das pesquisas desenvolvidas no Brasil nos últimos 5 anos, a respeito de ensino/aprendizagem de língua estrangeira para crianças.

De acordo com pesquisadores como Pires (2004), Carvalho (2005), Rocha (2006, 2007, 2008), Carvalho (2007), Tombosi (2007), Tonelli (2008), Souza et al (2008) existe uma preocupação com a qualificação dos professores que atuam no ensino de LEC. Seus trabalhos apontam para um professor com características pessoais e habilidades pedagógicas específicas para o desenvolvimento do trabalho com aprendizes ainda não alfabetizados na língua materna. Esses pesquisadores defendem que os professores precisam ter uma **formação pedagógica** adequada para ensinar uma língua estrangeira para criança.

Foi possível também observar o destaque que os pesquisadores dão à importância da interação professor/aluno no ensino de LEC. O professor que atua como um facilitador da interação para a aprendizagem parece ter mais sucesso com seus pequenos aprendizes.

Além disso, nas pesquisas desenvolvidas há também uma preocupação com a carência de materiais didáticos para essa determinada faixa etária, e com isso os professores necessitam fazer adaptações, muitas vezes inadequadas, prejudicando o ensino. Ainda há a necessidade de se buscar melhores recursos disponíveis para serem utilizados no ensino de LEC, uma vez que

as crianças precisam de atividades diversificadas e atrativas para prender sua atenção, e facilitar o seu aprendizado.

Dentre vários outros aspectos elencados nas pesquisas, pôde-se também verificar que há uma preocupação com a idade para aprender uma LE, as vantagens e desvantagens de ensinar uma LE para crianças ainda não alfabetizadas em língua materna, e o período de atenção da criança. Outros autores também enfatizam o uso de histórias infantis, jogos, linguagem específica da brincadeira e desenhos como facilitadores da aprendizagem de LE pela criança.

Espera-se que este trabalho possa vir a contribuir para a formação do professor que pretende atuar ou já atua com o ensino de LEC. Salienta-se que o assunto é bastante amplo, e ainda não esgotado. Há que se pesquisar muito ainda sobre esse universo infantil específico, bem como discussões devem ser promovidas a fim de que cada vez mais se busque uma melhor formação do profissional que atua nessa área do ensino de LEC.

Referências

BROWN, H.D. **Teaching by principles** – An interactive approach to language pedagogy. USA: Prentice Hall, 1994.

CARVALHO, R.C.M. de. A teacher's discourse in EFL classes for very young learners: investigating mood choices and register. **Dissertação de Mestrado**. Florianópolis: UFSC, 2005.

CARVALHO, T. Artes Visuais na Educação Infantil Bilingüe. In: TONELLI, J.R.A.; RAMOS, S.G.M. (Orgs.) **O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições**. Londrina: Moriá, 2007.

LINGUEVIS, A.M. Vamos ouvir a voz das crianças sobre aprender inglês na Educação Infantil. In: TONELLI, J.R.A.; RAMOS, S.G.M. (Orgs.) **O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições**. Londrina: Moriá, 2007.

PIRES S.S. Ensino de inglês na educação infantil. In SARMENTO, S. et MÜLLER, V. (orgs) **O ensino do inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões**. Porto Alegre: APIRS, 2004.

ROCHA, C.H. O ensino de LE (inglês) para crianças por meio de gêneros : um caminho a seguir. **Contexturas**, v. 10, p. 65-93, 2006.

_____. Reflexões e proposições sobre o ensino de LE para crianças no contexto educacional brasileiro. In: ALVAREZ, M.L.O.; SILVA, K. A. da. **Linguística Aplicada: múltiplos olhares**. Campinas: Pontes, 2007.

_____. O Ensino de Línguas para Crianças: Refletindo sobre Princípios e Práticas. In: ROCHA, C.H.; BASSO, E. A. **Ensinar e Aprender Língua Estrangeira nas Diferentes Idades: Reflexões para Professores e Formadores**. 1. ed. São Carlos: Claraluz, 2008. v. 1. 256 p.

SOUZA, A.C.F. de; MELLO, M.G.B.de; CARVALHO, R.C.M.de; CARAZZAI, M.R.P. Crenças, práticas e conteúdo adaptado: uma professora de inglês-LE na Educação Infantil. **Caderno Seminal Digital**. Rio de Janeiro, 2008. v. 10, p. 6-18.

TOMBOSI, H.H.de F. Investigating language play in interaction: a study with children as foreign language learners. In: TONELLI, J.R.A.; RAMOS, S.G.M. (Orgs.) **O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições**. Londrina: Moriá, 2007.

TONELLI, J. R. A. Histórias Infantis no Ensino da Língua Inglesa para Crianças. In: Kleber Aparecido da Silva; Maria Luisa Ortiz Alvarez. (Org.). **Perspectivas de Investigação em Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2008, v. 1, p. 185-202.